

Quem tem medo da angústia?*

Vera Lopes Besset

Este texto insere-se na discussão atual no Grupo de Trabalho “Psicopatologia e Psicanálise”, da Anpepp, sobre o tema da angústia. Nesse sentido, traz a questão da evitação da angústia no contemporâneo, sobretudo a que se observa entre os próprios psicanalistas, às vezes muito ávidos das soluções oferecidas por uma psiquiatria atual ancorada nos novos e eficazes medicamentos.

Palavras-chave: Angústia, psicopatologia, clínica psicanalítica, desejo, sujeito

* Texto apresentado no VIII Simpósio da Anpepp, no âmbito do Grupo de Trabalho “Psicopatologia e psicanálise”, realizado em maio de 2000, em Serra Negra, SP. Agradeço aos membros do GT presentes na ocasião do debate que deu início à nossa produtiva colaboração: José Newton Garcia de Araújo, Paulo César Ribeiro, Manoel Tosta Berlinck e Tânia Coelho dos Santos. Este trabalho é fruto da pesquisa em andamento, coordenada pela autora, sobre “Os afetos na teoria e na clínica psicanalítica: repensando Freud com Lacan”, realizada com apoio do CNPq e inserida na Linha de Pesquisa “Inconsciente e subjetividade” do Curso de Mestrado e Doutorado em Psicologia da UFRJ.

Introdução

Acompanhamos, no contemporâneo, toda uma tentativa, algumas vezes bem-sucedida, de “aplar” e, mesmo, fazer desaparecer qualquer manifestação de *angústia*. Há grande oferta de diagnósticos e medicamentos, novos *gadgets* de um mercado que promete solução para o mal-estar. No entanto, se o mal-estar é inerente à existência do sujeito na cultura (Freud, 1930/1988), como entender a subjetividade fora de seu registro?

A obstinação em apagar qualquer sinal de *angústia* teria, assim, em contrapartida, como seu efeito, a anulação do que faz o homem diverso entre os seres vivos. Nesta *natureza humana*, em que o significante afeta o corpo, a angústia se destaca por ser aquilo que escapa ao que a palavra pode circunscrever. E do que *fala* a angústia que se expressa no corpo, se não do desejo que marca o sujeito como distinto daquilo no qual ele se reconhece: o *eu*?

Então, qual o perigo que traz a *angústia*? Neste texto, pretendemos demonstrar que o perigo que ela anuncia é o sacrifício do desejo, isto é, do que permite ao sujeito manter-se fora da alienação. Dessa forma, tomando a *angústia* como sinal das relações entre o sujeito e seu desejo, relevamos sua importância na experiência clínica.

Ancorados no texto freudiano, atualizado pelas questões que a clínica nos coloca, nossa proposta é articular, com base do suposto de Lacan sobre a angústia como “o afeto que não engana” (Lacan, 1962-1963: 83), as relações entre *angústia* e *desejo*. Isso com o intuito de indicar uma função possível para a *angústia* no cenário do tratamento analítico. Função de balizamento, *guia*, sinal sobre o percurso de um sujeito na via da construção de um saber sobre aquilo que o causa. Nesse caso, concordamos em tomar a *angústia*, como a *dor*, em sua dimensão de *defesa* no organismo humano (Berlinck, 1999). Seguindo Freud, para quem nosso corpo, “destinado à ruína

e à dissolução, não pode prescindir da dor e da angústia como sinais de alarme” (Freud, [1930]1988: 76).

A evitação da dor

Já em 1962, em seu seminário sobre a angústia, Lacan chamava nossa atenção para a tentativa de *apagar a angústia*. Tentativa que identificava no pensamento de Lévi-Strauss, expresso na obra *Pensamento selvagem*, em termos de uma proposta de restabelecimento da harmonia entre o homem e o cosmos uma promessa de “apaziguamento epicurista” (Lacan, 1962-1963, lição de 28/11/62). *Apaziguamento* que seria coerente com a visão de um mundo desde sempre ordenado.

No que concerne aos psicanalistas, essa é uma proposta frustrada, posto que esses não podem desconhecer a dimensão do mais-além do princípio do prazer que traz angústia. Essa afirmação de Lacan, na ocasião, reveste-se de um tom de ironia, já que ao mesmo tempo interpela os *analistas* sobre suas relações com a *angústia*, tanto a sua própria quanto a de seus pacientes, lembrando que ela não parece preocupá-los (Ibid., lição de 14/11/62). Indo em direção contrária, sublinha o lugar da *angústia* na clínica, enfatizando a importância da preservação dessa dimensão na clínica. Convida os analistas, igualmente, a se absterem de compreendê-la, esta *angústia*, que ele afirma ser um *afeto* (Lacan, 1962-1963, lição de 21/11/62).

Se retomamos hoje esse ponto do ensino desse autor para introduzir nossa discussão, é porque esse *apaziguamento epicurista* nos remete à tentativa de *apaziguamento* da *angústia* que observamos no contemporâneo. Estamos nos referindo aos medicamentos, cada vez mais eficazes em *calar a angústia* deixando muitas vezes em seu lugar a depressão. Mas, quando a *angústia* se cala, que lugar para o *desejo* e, conseqüentemente, para o psicanalista?

Homem e cosmos: harmonia?

Para entender melhor a crítica de Lacan a Lévi-Strauss, lembremos que *cosmos* é “Palavra grega que significa ordem, universo, beleza e harmonia e que designa, em sua origem, o céu estrelado, enquanto podemos nele detectar certa ordem: as constelações astrais e a esfera das estrelas fixas” (Japiassu, H.; Marcondes D., 1990). Além disso, sabemos que na linguagem filosófica *cosmos* designa o mundo enquanto ele é ordenado e se opõe ao caos. Mas como se justifica aí a referência ao *epicurismo*?

Sobre esse ponto, valemo-nos das indicações de Rabinovich, que sublinha a posição filosófica de Epicuro, cujo cerne é a adaptação do *homem ao cosmos*, a

partir de uma *teoria da adaptação* que visa evitar ao sujeito a experiência da *angústia*. Segundo a autora:

Esta é uma meta explícita de Epicuro. Nossa idéia vulgarizada do epicurismo é errada, pois tendemos a assimilar a busca do prazer com a busca do gozo. O epicurismo, enquanto tal, levava a uma forma particular de ascetismo, centrado na evitação da inquietação e da angústia, na busca de segurança para o ser humano (Rabinovich, 1993: 68).

Curiosamente, em seu texto sobre o mal-estar na cultura, Freud registra a “evitação do desprazer” como um tipo de escolha do homem em detrimento da busca de *felicidade* pelo prazer intenso, *gozo*, ante sua contrapartida de *remorsos* e *castigos* (Freud, [1930]1988: 77).

De todo modo, o fato de a proposta de Lévi-Strauss ser “cosmológica” implica a suposição de que é possível se obter um conhecimento do mundo como sistema passível de ser expresso em um discurso. Esse postulado de uma *totalização* do mundo pelo *saber* é indispensável à possibilidade de *totalização* do próprio *saber* (Japiassu, H.; Marcondes D., 1990). Ora, é o próprio Lacan quem nos lembra (Lacan, 1962-1963, op. cit.), a ciência ocidental destruiu a idéia de *cosmos*. A *cosmologia* constitui um obstáculo à instauração da física experimental, pois indica *a priori* os lugares naturais das coisas e as direções do movimento. Assim, a imagem de um mundo fechado, eterno e finito, aristotélico-ptolomaica, com a revolução científica e mecanicista do século XVII, é substituída pela concepção de uma *causalidade*. A partir daí, é o Sol e não a terra o centro do mundo. Já com Copérnico, muda a imagem de um mundo finito, centrado e hierarquizado, presente na cosmologia aristotélica. Houve sua substituição “pela imagem de um universo infinito, sem ordem e descentrado” (Japiassu, H.; Marcondes D., 1990: 60). Finalmente, com sua filosofia transcendental, Kant coloca a cosmologia como um problema que está fora da filosofia.

Numa concepção *infinetista* do mundo não há mais lugar para a noção de *cosmos* vinculada à noção de *totalidade*. Nesse sentido, insere-se a psicanálise, que trabalha com a suposição de um *não-saber* que está na base do sujeito e de um saber *não-todo* próprio ao inconsciente (Lacan, 1975).

Desejo e angústia

Já no âmbito de sua *segunda tópica*, sabemos que Freud revê sua teorização sobre a *angústia*. Postula-a como *causa* e não conseqüência do *recalque*, entendendo-a como *senal* de um perigo de ordem *pulsional* (Freud, [1926]1987). No rastro dessa formulação, em seu seminário de 1960-1961, sobre a transferência, Lacan nos fala da *angústia* em sua relação com o *desejo*, indicando-o como perigo

para o *eu*, no qual se produz o *sinal*. *Eu* que conota *i (a)*, imagem do outro, *eu* tomado como função de desconhecimento (Lacan, 1991: 422). O sinal da *angústia* comparece no lugar dessa *imagem*, posto que é possível que ela se dissolva. Isso quando um apelo é feito ao *sujeito* e de lá não responde *i (a)*.

Ao refletir sobre a *angústia* em suas relações com o *desejo*, eis a metáfora que esse autor nos propõe: tal como num bando de animais, onde um deles tem a função de vigia e dá o sinal de alarme à aproximação do perigo, provocando a debandada, para cada um, é de seu *eu* que o sujeito recebe o alerta. Então, “para cada sujeito, o inimigo do bando é ele” (Ibid.: 427). Ou seja, diante do *desejo*, o *sujeito* se confronta com o que lhe afeta e que escapa a seu *eu*. Pois, o homem, como *animal social*, é o *bando*.

Assim, para que a *angústia* se dê é preciso que haja uma relação no âmbito do *desejo*. Ou seja, é preciso que algo do *sujeito*, sujeito do *significante*¹, esteja implicado numa experiência para que se dê o *sinal* de *angústia*. Desse modo, o sinal de *angústia* adverte sobre um *desejo* referido a um *objeto* que traz uma ameaça “e que determina o *Zurückgedrängt*, o *a recalcar*” (Ibid.: 422). Trata-se de um *objeto* que perturba o *eu-ideal*, “*i (a)*, originado na imagem especular” (Ibid.: 424). Na clínica, pela relação que mantém com o *objeto* do *desejo*, o *sinal* de *angústia* tem um *valor* que ultrapassa o de um alerta para a fuga.

Nesse contexto, o *sujeito* do *significante*, marcado pela *falta-a-ser*, não tem meios de preenchê-la, se não pela *ação*, que toma a feição de uma *fuga para adiante*. É uma *ação* que não é adequada para o bando, que não quer saber dela². Por isso, quando é questão do *desejo* do *sujeito*, observa-se o surgimento da *angústia*, afirma Lacan, sublinhando o caráter perigoso desse *desejo*, pela ameaça que representa para o grupo. Assim, à pergunta “*Quem tem medo da angústia?*” responde-se, provisoriamente: o *eu* tanto quanto o *bando*.

Note-se que essa concepção corresponde a um período da teorização marcado pelas noções próprias ao que denominamos tópicos do *imaginário* e do *simbólico*. Com efeito, a *angústia* sinaliza o *desejo* que se revela estranho ao *eu*, pois se liga a um objeto que contraria o *eu-ideal*. Objeto do *desejo* cujo caráter insustentável é indicado por seu estatuto de *insatisfação* na histeria e de *impossibilidade* na neurose obsessiva.

1. Miller considera o \$ também *sujeito de gozo*, por sua escritura, que o representa esvaziado de gozo. Cf. Miller, J.-A. “Le sinthome, un mixte de symptôme et de fantasme”. In *La cause freudienne*, nº 39, mai 1998, pp. 7-17.

2. Lacan retomará a reflexão sobre as relações entre a ação e a angústia no seu seminário dedicado ao tema, especialmente na Lição de 19/12/62. Empreendemos, em outro lugar, um debate sobre o assunto. Cf. Besset, V.L. “O analista em suas relações com a angústia”, texto apresentado no XI Encontro Internacional do Campo Freudiano, realizado em julho de 2000, em Buenos Aires.

Pouco tempo mais tarde, no seminário estritamente dedicado à *angústia*, Lacan formaliza a concepção desse fenômeno a partir do objeto *a*, circunscrevendo-o no contexto da dimensão do *real*. É a ameaça da falta desta *falta* constitutiva que deflagra a *angústia* (Lacan, 1962-1963, lição de 5/12/62). Sobre isso, o autor afirma:

O que há de mais angustiante para a criança é justamente essa relação sobre a qual se institui a falta que a faz desejar, essa relação é mais perturbada quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está todo o tempo em cima dela e, especialmente, a tocar seu bumbum, modelo da demanda, da demanda que não esmorece (Ibid.).

Trata-se, então, na *angústia*, não mais do objeto do desejo, ou seja, aquele ao qual o desejo se dirige, mas do objeto *causa* do desejo.

Nesse momento de investigação sobre a *angústia*, Lacan a relaciona ao encontro com o *desejo* do Outro, no qual a ausência de qualquer *imagem especular* faz enigma para o sujeito: “O que ele quer de mim?”. Isso se explicita com a história do *louva-deus* diante do qual está um homem, portando uma máscara que desconhece qual seja. Dependendo dessa máscara, metáfora do *eu* como função de desconhecimento, ele pode ser o *objeto* sexual do louva-deus fêmea ao mesmo tempo que objeto de seu *gozo*, já que esse é o destino natural de seus parceiros, mortos após o *ato*. Sem saber que máscara ele porta, pois o acesso a ela lhe é vedado, já que a mesma não se reflete nos olhos do outro, grande Outro, diante do qual é *objeto*, o sujeito se *angustia* (Lacan, 1962-1963, lição de 14/11/62).

Diante do desejo do Outro, que me coloca na posição de *objeto* de seu *desejo* ou de seu *gozo*, mas somente *objeto*, não passível de ser circunscrito em sua existência pelo *significante*, é a *angústia* que me dá o sinal de perigo. Na *angústia*, distintamente do fenômeno da *estranheza*, o duplo não comparece. Em seu lugar, é diante do objeto *a* que o sujeito se encontra. O objeto *olhar*, um *objeto* que olha e se encontra fora do circuito dos objetos especularizáveis³.

Angústia: sinal do sujeito?

Considerando-se a *angústia* um sinal do que no sujeito há de mais *singular* e, nesse sentido, o que o distingue do *bando*, o esforço para seu *apagamento* parece coerente com toda uma corrente da psiquiatria atual, cada vez mais acomodada no campo da medicina. O que nos parece surpreendente é que, no âmbito da clínica

3. Sobre a distinção entre *estranheza* e *angústia*, remetemos o leitor ao artigo de Vieira, M.A., “A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura”. In *Latusa*, nº 4/5, abril de 2000, pp. 123-138.

psicanalítica se possa observar o evitamento da *angústia*. A busca apressada de medicação, a indicação de um psiquiatra em decorrência de um leve surgimento de *angústia* em um ou outro momento de um tratamento, parece-nos apontar para a necessidade de uma reflexão sobre as relações daquele que neste ocupa o lugar de analista e sua própria *angústia*. Pensamos especificamente no tratamento de neuróticos e fazemos referência, evidentemente, às angústias pontuais ou *crônicas*, mesmo intensas e não às angústias paralisantes (Ribeiro, 2000).

Se o inimigo do *bando* é o sujeito desejante ou melhor, se o *desejo* é o que, em cada um, ameaça e desperta o *sinal* de fuga, posto que é *estranho* à imagem refletida no espelho do *eu*, nada mais interessante que *abafar* este sinal discordante, hoje, em nosso mundo em vias de *globalização* e *banalização* dos desejos, convertidos em *necessidades* pela cultura do consumo.

Nesse contexto, o analista é aquele que – podemos dizer, parafraseando Lacan – *não deve recuar* diante da *angústia*. Somente assim poderá, na clínica, ocupar o lugar do *desejante puro*, recusando sua *angústia* ao analisante (Lacan, 1991: 428). Ocupar o lugar de *desejante*, nesse caso, implica excluir da *cena* qualquer demanda, ou seja, excluir-se a si mesmo como sujeito dessa *experiência*.

Para tanto, é preciso ter podido, em seu percurso analítico, efetuar uma mudança subjetiva importante nas relações com sua própria *angústia*. Supondo-se que, ao final de uma análise, ocorrem modificações nas relações de um sujeito com seu modo de *gozo*, a investigação das relações entre o *gozo* e a *angústia* parece se impor⁴.

Referências bibliográficas

- BERLINCK, M. T. A dor. In *Dor*. BERLINCK, M.T. (org.). São Paulo: Escuta, 1999, pp. 7-22.
- BESSET, V. L. O analista e suas relações com a angústia. Texto apresentado no XI Encontro Internacional do Campo Freudiano em julho de 2000, em Buenos Aires.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 60.
- FREUD, S. (1926). Inhibición, síntoma y angustia. In *O. C.* Buenos Aires: Amorrortu, 1987. v. XIX
- LACAN, J. *L'Angoisse, Séminaire 1962-1963*. Paris: Éditions de l'Association Freudienne Internationale. Publication hors commerce, 2000, pp. 46-47.
- _____. *L'angoisse dans son rapport au désir*. In *Le séminaire. Livre VIII. Le transfert*. 1960-1961 (Texte établi par J.-A. Miller). Paris: Seuil, 1991, pp. 419-432.

4. Este é o objeto de estudo do projeto de pesquisa “A angústia na clínica hoje”, que deveremos coordenar a partir do primeiro semestre de 2001.

- _____. *Le séminaire. Livre XX. Encore. 1972-1973* (Texte établi par J.-A. Miller). Paris: Seuil, 1975.
- RABINOVICH, D. *La angustia y el deseo del otro*. Buenos Aires: Manantial, 1993, p. 68.
- Ribeiro, P.C.C. Algumas idéias relacionadas com o tema “angústia, objeto de cura ou objeto de escuta”. Resumo. Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico, 8, Serra Negra, SP, 2000. Anais. GUZZO, R. S.L. (org.). Puc-Campinas, ANPEPP, 2000, p. 100.
- VIEIRA, M.A. A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura. In *Latusa*, nº 4/5, abril de 2000, pp. 123-138.

Resumos

Éste texto se introduce en la discusión actual del Grupo de Trabajo “Psicopatología y Psicoanálisis” de la ANPEPP, sobre el tema de la angustia. En éste sentido abre el interrogante sobre la evitación de la angustia en el contemporáneo, sobre todo la que se observa entre los propios psicoanalistas, a veces demasiado ávidos de las soluciones ofrecidas por una psiquiatría actual enclavada en los nuevos y eficaces medicamentos.

Palabras llave: Angustia, psicopatología, clínica psicoanalítica, deseo, sujeto

Ce texte s’insere dans la discussion actuelle du groupe de travail “Psychopathologie et Psychanalyse” de l’ANPEPP sur le thème de l’angoisse. Dans ce sens, il amène la question de l’évitement de l’angoisse dans le contemporain et plus particulièrement a ce que l’on observe entre les propres psychanalystes quelquefois très avides des solutions offertes par la psychiatrie actuelle ancrée dans des médicaments nouveaux et efficaces.

Mots-clés: Angoisse, psychopathologie, clinique psychanalytique, désir, sujet

This article is meant as a contribution to the current discussion on the topic of anxiety carried out in the Work Group entitled “Psychopathology and Psychoanalysis,” of Anpepp. The question of avoiding anxiety in contemporary life is discussed, especially regarding that anxiety seen among psychoanalysts themselves, sometimes fascinated by solutions offered by today’s psychiatry, so strongly anchored in new and effective medications.

Key words: Anxiety, psychopathology, psychoanalytic practice, desire, subject

Versão inicial recebida em dezembro/2000.

Versão revisada recebida em fevereiro de 2001.